



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 30 - julho de 2023**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2023i30p1-5>

**APRESENTAÇÃO**

**Expansões do literário no campo das artes: teatralidades e escalas**

Este dossiê temático tem como objetivo contribuir para o debate crítico e teórico sobre o estatuto da experiência artística contemporânea. Trata-se de analisar seus modos de constituir um espaço-tempo próprio, específico, ou de tensão e porosidade com espaços e tempos outros, seja os de outras artes, seja os do mundo comum, da vida, das práticas cotidianas, da antiarte, terrenos radicalmente inespecíficos, heterogêneos, feito de atritos e negociações entre inúmeras linguagens, meios, técnicas, suportes, e convenções discursivas. Tais elementos se avolumam conforme a aceleração social própria à modernidade capitalista se expande e o crescente controle técnico da natureza coloniza *diferentes escalas* de espaço, tempo e matéria, registra e torna ubíquos – acessíveis a qualquer tempo e lugar – o repertório das experiências culturais, históricas e sociais mais diferentes. Se é verdade que tais dilemas sempre estiveram na mira da arte e literatura modernas, na contemporaneidade, em que os pressupostos da modernidade e, em especial, das vanguardas artísticas do século XX perdem teor histórico de evidência (o que está longe de dizer que o diálogo com seus procedimentos, formalizações e gestos se esgotou, muito pelo contrário), o processo contínuo de integração e diferenciação em meio ao campo das artes ganha novos capítulos.

Assim, este dossiê temático busca mapear alguns desdobramentos desses novos capítulos, à medida em que ele está sendo escrito. Ele se inicia com “Mínimos, múltiplos, incomuns: os teatros em miniatura de Samuel Beckett e William Kentridge”, de André

Goldfeder. Lendo “Imagination morte imaginez”, de Samuel Beckett, e a videoinstalação *Black Box/Chambre Noire*, de William Kentridge, o ensaio aborda diferentes modos de agenciamento dos meios artísticos, observando diferentes manifestações do problema da especificidade e da relação entre as artes a partir dos anos 1960. Assim, ao observar os dilemas de certa tendência à teatralização em processos de expansão das linguagens artísticas, Goldfeder busca sublinhar nas experiências analisadas modos produtivos de sobre-determinação das escalas espaciais, temporais, culturais, sociais, históricas que elas mobilizam, sobre-determinação que articula tais escalas, sem homogeneizá-las, nem distingui-las desde um único emolduramento específico.

Em “La prosa como medio del arte contemporâneo”, Jorge Manzi recupera, em diálogo com Thierry de Duve e Rosalind Krauss, a constituição da ideia de “arte em geral” como estado da arte contemporânea. Radicalmente heterogênea e pós-medial, a prática dessa “arte em geral” não exclui, porém, a atuação de meios específicos. Assim, a partir da leitura de obras de César Aira e de Sergio Chejfec, Manzi formula a hipótese instigante de que a prosa literária seria um desses meios da arte contemporânea, e dos mais produtivos, por sua relação intrínseca com a inespecificidade do cotidiano e por sua capacidade – amplamente registrada na constituição do romance moderno – de desdobrar dinâmicas dialéticas entre arte e antiarte, compreendidas dentro de processos de longa duração da modernização e de seus dilemas.

Por sua vez, “Deteatrização e antiteatralidade no teatro estático de Fernando Pessoa”, de Flávio Rodrigo Penteado, mostra como a produção teatral do poeta português – por muito tempo tida como anacrônica pela crítica – seria na verdade precursora de formas dramáticas que só emergiriam na segunda metade do século XX. Abordando um amplo arco teórico de discussões sobre a história das relações – de subordinação, autonomização, articulação – entre o texto dramático e sua (de) (anti) teatralização, Penteado aborda o teatro de Pessoa, sobretudo *O Marinheiro*, para rever à luz dessa discussão contemporânea sua associação com o teatro simbolista, o que lhe permite reavaliar o interesse contemporâneo dessa obra, sublinhando o quanto ela pode nos ajudar a compreender mais sutilmente esses processos de construção e desconstrução dos limites entre as práticas artísticas.

Em “Artes visuais, espaço urbano e processo social em *Os Lança-chamas*, de Rachel Kushner”, Marcos Soares analisa o segundo romance dessa escritora estadunidense, publicado em 2013. A narrativa se volta para os anos 1970 e a experiência neovanguardista em Nova York, encenando uma série de diálogos com o cinema e com

as artes plásticas. Ao analisar o contraditório processo de constituição da voz da narradora principal, Soares observa como tais diálogos cumprem um papel central na exposição dos impasses sociais das neovanguardas, ligados à absorção de seu espírito rebelde e indisciplinado pelo processo de formação da subjetividade neoliberal, que surgiria alguns anos mais tarde; e acompanha o romance quando ele desdobra as transformações que esse processo impôs à cidade Nova York, vista então como um laboratório das futuras práticas de desregulamentação e financeirização do espaço urbano.

Em “Teatralidades em *Meu tio chega amanhã* e *La Línea*”, Fernanda Rios explora uma dimensão teatral do literário encenada na forma do livro-álbum. Analisando realizações de Sebastián Santana Camargo e Beatriz Doumerc e Ajax Barnes, Rios discute articulações entre texto, imagem e espaços em branco, que resultam numa experiência singular em que “o virar da página ritmado pelo leitor dá o tom do espetáculo”. Nessa cenografia da página, vem ao primeiro plano uma economia do traço e dos atos de escrita, pondo em cena experiências sociais marcadas pela violência política. Em aproximações com o “teatro pós-dramático” conceituado por Hans-Thies Lehmann, o ensaio apreende um modo de figuração da *espera* que dá corpo à situação de personagens diante da ausência de familiares violentados pela ditadura argentina. Assim, o teatro é reencontrado entre sua potência intermedial e uma “poética da morte”.

Yasmin Magalhães, em seu ensaio “A vida póstuma da agudeza: o drama da lírica em ‘Passim’ de Michel Deguy”, mergulha na leitura desse “poema em paralaxe” do poeta francês, nele explorando os limites da “legibilidade da lírica”, em seu vínculo íntimo com a “montagem discursiva, a condição performativa do eu e sua dramatização na ritualização do luto”. Assim, o ensaio desenvolve uma reflexão radicada nas tensões específicas do gênero lírico na lida com seus dilemas tardo-modernos, entre sua “célebre definição” como [...] ‘negação social da sociabilidade’” e seu estado repensado de “emaranhado de ruídos e restos de linguagem no inconsciente do homem ocidental”.

Em “Dramaturgia de papeizinhos: obra em andamento na plasticidade de textos em fragmentos”, Marina Marcondes Machado expõe o potencial performático obtido da mais tênue materialidade presente em papéis recortados. Parte-se da noção de “dramaturgia de processo” de Renato Cohen, que transpõe para o campo teatral elementos do *work in progress* elaborado por James Joyce em *Finnegans wake*. A experiência com essa dramaturgia ressalta um recorte conceitual e crítico que se coloca para além das “hierarquias clássicas texto-ator-narrativa”; e desdobra-se em duas propostas didáticas oferecidas pela autora em um Programa de Pós-graduação em Artes. Nesse percurso entre

práticas heterogêneas, “a simplicidade de pequenos papéis produzidos industrialmente” instiga o agenciamento teatral híbrido de um “tempo-espço performativo” apto a “encarnar, no corpo, um ato de começos, meios e fins relacionais”.

Para complementar nosso dossiê, temos a resenha que Nicollas Ranieri preparou para *Procurar uma frase*, livro do poeta francês Pierre Alferi, traduzido por Inês Oseki-Dépré e com posfácio de Eduardo Jorge de Oliveira, que está para ser publicado. Primeiro ensaio literário do poeta francês – conhecido no Brasil por sua obra e por suas posteriores intervenções críticas e teóricas no debate poético francês contemporâneo, em textos como “Rumo à prosa” e *De um teatro de papel* – sua publicação agora permite, como diz o resenhista, uma reconstrução em retrospecto de seu pensamento. Assim, ao notar como a literatura “ativa uma teoria da frase”, dos seus andamentos rítmicos, vozes, sintaxes (e crises sintáticas), esse primeiro ensaio lança as bases de uma reflexão que em seguida se desdobra, seja para conceber a prosa como “ideal baixo da literatura”, no fluxo irregular da prosódia, da linguagem em sua condição cotidiana e profana; seja para pensar o gesto de escrita no interior de teatro de papel instaurado por ela.

Fechando o dossiê, a entrevista com a escritora, curadora e professora Veronica Stigger realiza a passagem da escrita à performance falada. Diante das câmeras, Stigger apresenta um panorama de seu percurso entre a concepção de novas encenações da escrita literária, propostas curatoriais de narração ou *mise-en-scène* de articulações criativas entre materiais culturais e literários e incursões críticas por obras de artistas situados nessas regiões de hibridação dos discursos. Comentando os processos criativos de livros como *Grand Cabaret Demenzial* (2007), *Os anões* (2010) e *Sul* (2016), a escritora comenta desde suas relações com a questão do livro objeto, passando pela presença estruturante de uma dimensão espetacular e de uma poética do *-ready-made* em seus trabalhos de ficção até chegar a algumas implicações sociais e de gênero presentes em seus trabalhos. Já sua prática como curadora pontua a entrevista em considerações sobre uma relação com a história da arte que se desdobra de dentro da ficção em direção a estratégias de tradução para o espaço expositivo de trânsitos literários, plásticos e temporais que atravessam de Clarice Lispector a novas articulações das temporalidades postas em contato pelos modernismos brasileiros em torno da Semana de 22. Finalmente, literatura, curadoria e reflexão crítica se reencontram em comentário sobre multiartistas como Flávio de Carvalho, desbravadores de um campo de expansão das artes e da literatura.

Esperamos que este dossiê “Expansões do literário no campo das artes: teatralidades e escalas” possa contribuir, pela qualidade e abrangência dos textos e materiais publicados, com o contínuo e atual esforço de teorização e de renovação dos instrumentos críticos afiados no contato com a experiência artística contemporânea.

*Prof. Dr. Jorge Manzi Cembrano (PUC-Chile)*

*Prof. Dr. André Goldfeder (Unicamp)*

*Prof. Dr. Fábio Roberto Lucas (PUC-SP)*